JUBILEU PROFESSORAL DE FLAMINIO FAVERO

Minha pequena contribuição evocativa.

No sabado atrasado, 4 do corrente, realizou-se no "roof" do "Hotel Exelsior" o almoço que aos jornalistas de São Paulo - neles incluídos alguns fregueses "A Noite", continuando a serie dessas reuniões despretenciosas e amaveis que, em boa hora, foi instituida por Casper Libero, em 1943, a fim de aproximar num convivio ameno de duas bem alimentadas os confrades da imprensa paulista, fazendo esquecer os dissídios permanentes, fruto obrigatorio do officio, que os colocam em trincheiras isoladas, algumas delas, frequentemente, assanhadas e resmungantes.

Foi reunião particularmente agradavel, animada por expansões de bom humor e de alegria. Contrastando com o nome que o jornal traz no seu cabeçalho - contraste que se sabe ser tambem o das suas edições, porque ela sai sempre de dia claro, em competição perigosa com os outros jornais paulistanos - "A Noite" promoveu o almoço num ambiente claro, batido de sol e de bons ventos e completou a elegancia do seu programa levando à mesa representantes femeninas das suas secções, exemplo em que foi acompanhado pelo "Fanfula" e pelas "Folhas". Correu tudo, como era de esperar, "em som de festa", como escreveriam nossos antigos mestres de vernaculo, agora em geral esquecidos e com os seus modelos bastantescontundidos pelos primitivos da época.

Na serie de discursos, alguns particularmente brilhantes, tododá proferidos numa saudavel elevação de idéias e de belos periodos e procurando acompanhar o sonoro diapasão com que o diretor anfitrião, José Carlos Pereira de Souza nos oferecia o succulento "menu" - tive ensejo de propor, e a satisfação de ver apoiado calorosamente, um voto congratulatorio daqueles mestres da imprensa a um jornalista ausente Flaminio Favero aquela mesma hora, estava sendo homenageado num outro almoço do

"Automovel Club" por um grupo numeroso de admiradores, entre os quais medicos, professores das nossas Universidades, advogados, penalistas, escritores imortais e mortais e, entre eles, até alguns jornalistas. Flaminio Favero recebia aquela oferecenda de bons votos ao cabo de uma semana de sessões científicas pelo transcurso dos seus primeiros vinte e cinco anos de atividade no ensino superior de São Paulo, na já conspicua Faculdade de Medicina e em varios postos de relevo nos Institutos que aqui se encarregam, com solicitude e através de indagações minuciosas, dos problemas de medicina legal, infortunistica e do outro problema mais serio e mais grave da regeneração ou reabilitação social dos condenados.

Sentindo, talvez, que as tribunas do seu instituto e da sua cathedra não bastam para levar até mais longe suas lições e seus conselhos, procurou ele a tribuna da imprensa, e através de um dos nossos matutinos, preleciona aos seus leitores e está fazendo um curso que, com os tempos, alargará extraordinariamente seu campo de ensino, com a difusão de preceitos e informações que, mesmo para os mais versados, são sempre uteis e oportunas. Esses trabalhos de divulgação, como de mestre do officio, são lançados em linguagem escorreita e clara, sem artificios e sem pompa rebuscada. Esse estilo didatico, uma como que lição de cathedra proferida em tom ameno de palestra é que está assegurando ao mestre da medicina legal um posto certo entre os homens de jornal, que, em outras secções, provocam debates sobre a nossa angustia financeira, o confusionismo partidario, a crise social, os programas de radio e o futebol.

O que eu disse do mestre penalista fôí uma breve referencia à semana de festas que o consagraram de forma excepcional em São Paulo. Nem o nosso almoço comportava coisa mais longa. Agradecendo no outro almoço o discurso com que outro

mestre Almeida Junior encerrou a "semana Flaminio Favero", disse o homenageado, singelamente, que sua vida profissional se dividira entre sua igreja (pois é pastor protestante), o seu instituto e sua família. E neste fecho menciona, em rápida e recatada referência, o nome de sua esposa, sua companheira de trabalhos, socia dos seus triunfos profissionais, com ele identificada nas lidas do lar e nos encargos do magistério.

Quero trazer uma contribuição para essas homenagens, já que me não foi possível, por varios motivos, tomar parte nas reuniões aqui realizadas no Instituto Oscar Freire e nos outros sodalicios profissionais de que faz parte o homenageado.

Tenho alguma coisa a recordar e o faço com dobrado prazer, pois homenageio na pessoa da Senhora Favero a família da qual ela provém e, com isso, revivo alguns pedaços de minha juventude e da sua meninice. Ouvi uma vez, o dr. Gabriel de Toledo Piza, quando acabara de deixar nossa representação diplomática em Paris, a congissão de que o exito de sua carreira de embaixador, durante tantos anos a serviço de nosso país, ele o devia, em mais de metade, à colaboração e à assistência desvelada, de d. Clarinha, sua mulher. E, como positivista ortodoxo, e até meio exacerbado, que era, provava, por a mais b o fundamento daquela afirmação. Podemos generalizar o acerto a outras atividade profissionais, públicas e privadas: são as esposas as colaboradoras do exito dos maridos, quando com eles se identificam e sabem exercer suas funções, na casa, na guarda vigilante do lar, deixando-os com tempo e tranquilidade para cuidarem dos negócios e dos encargos que exercem.

E mais ainda quando com eles se associam a seus trabalhos científicos. O casal Flaminio Favero é disso um belo exemplo.

o o o

Nos concursos realizados em Campinas em 1900, para provimento de várias cadeiras no Ginásio do Estado, antigo Colégio "Culto à Ciência", que há pouco voltou ao nome primitivo, apre

sentou-se um candidato desconhecido, em disputa da cadeira de portuguez e noções de historia da literatura. Era Bento Ferraz, um moço que andava em seus 28 anos e que, comaa sua dissertação escrita, arrebatou logo a cadeira que fôra ocupada pelo jornalista portuguez Henrique de Barcelos. Ao fim do concurso era o 1º classificado e logo depois nomeado pelo governo estadual.

O professor Bento Ferraz que, para nós, do Ginasio, e era simplesmente "seu Bento" instituiu um curso proveitoso da lingua portuguesa; tão proveitoso que as turmas de seus alunos concluiam os programas sem ficarem detestando a materia. Mais do que regras de sintaxe e, preceitos de lexicologia, ele nos ensinou a gostar da lingua portuguesa, a prezar a sua nobreza verbal, o encanto dos estilos dos seus mestres, a opulencia do seu vocabulario. Durante 4 anos não mudamos de compendio: era Julio Ribeiro, com os acrescimos e complementos do proprio lente. Os mestres da boa linguagem completavam o ensino; e chegamos ao ponto de estimar " Os Lusíadas? que hoje são o espantelho de tantos cursos. Um lente ganhava pouco e "seu Bento" procurava o grangeio do que lhe faltava rabulejando no fôro campineiro, como solicitador, e frequentando com exito a tribuna do juri. Morava perto de minha casa.

Era casado com uma senhora de familia mineira, de Caldas. E tinha um casal de filhos: Romeu, um moreninho endiabrado que vivia em correrias no jardim publico, fronteiro à sua casa, e Adelia, que se postava à janela, invejando aquela liberdade e desenvoltura do irmão, a confraternizar com outros garotos, no jogo da "fubeca" ou do pião. Eu que já era taludo e forte nesses jogos dei a ese se principiante algumas lições que o habilitavam a sovar os parceiros. A vida daquela familia era modesta e seus habitos, de grande recato. A esposa de Bento Ferraz, d. Elisa, só saia de casa aos domingos para as cerimoniaes religiosas do seu culto. Não era vista em festas, não frequentava reuniões elegantes. Consagrava-se aos arranjos da casa e à educação dos filhos, principalmente à formação moral

daquela filha, Adelia, assistida, certamente com conselhos e carinhos vigilantes mas, mais eficazmente, com os exemplos da sua vida de mãe de familia, absorvida pelos encargos do lar,

Para aliviar o marido de uma parte do peso daqueles e encargos, recebeu d. Elisa em sua casa como pensionistas dois ginasianos da familia Garcia do Jaú, um dos quais João Pereira Garcia, meu colega no 3º ano, veio mais tarde a ser, tambem, pastor evangelico. Era esse, aliás, o auxilio que uma outra d. Elisa, senhora de minha especial veneração, casada com o dr. Jorge Miranda, então diretor do Ginasio, prestava ao marido para minorar-lhe a insuficiencia dos ganhos. O irmão de Glicerio, que fôra fazendeiro riquissimo, ao perder a fazenda e a fortuna, já velho, enfrentou resignadamente a nova situação e, assistido por aquela tão digna dele, foi exercer o cargo de diretor do Ginasio que dirigira, como co-proprietario, trinta anos antes, e converteu sua casa em pensão, nela recebendo alguns estudantes que tinham familia estabelecidas em zonas longinquas do interior. Eram desse feitio aquelas duas senhoras, tão conformadas com a sua mediania e tão desveladas na assistencia que deviam aos maridos.

Não se conheciam, por aquelas épocas as fontes de arrecadação ligadas ao joguinho do baralho portas a dentro, com cacife a um tanto por "mão" a que certas modernissimas donas de casa (e tambem os donos) se associam, convertendo seus lares em certos elegantes de tavolagem. O que aquelas valorosas esposas faziam era assumir o encargo pesado de acolher pensionista em casa, sem quebra da respeitabilidade do ambiente de familia, e sem perder de vista a educação da prole.

Correram os anos: fiz meu curso ginasial, passei a fazer o de direito e "seu Bento" continuou a lecionar portuques e literatura, como substituto de Coelho Neto, passando, afinal, para esta ultima cadeira, com grande proveito dos alunos. Os filhos

creceram e também foram fazendo seus cursos, primario e secundario. E aquela menina ajuizadinha e quieta, que da janela de sua casa acompanhava com olhos compridos as correrias e peraltagens do irmão, à porfia com os garotos da redondeza, fez-se moça, concluiu o curso superior e ligando-se pelo casamento ao "colega" Flaminio Favero, veio a ser para este, na sua reforçada carreira do magisterio superior, o que sua mãe fôra para o lente de portuguez no nosso antigo "Culto à Ciencia": a companheira vigilante que guarda a casa e é nela a sombra afetuosa do marido em suas lutas, em seus sustos, em seus trabalhos e, por isso, consocia solidaria em todos os seus triunfos.

Disse-me uma vez Bento Ferraz, o velho professor que depois veio a ser meu amigo que, na casa de meu pai em Campinas, o que mais o movia ao respeito era a fé religiosa católica do chefe e o rigor que punha na educação dos filhos. Tive o gosto de retrucar que em nossa casa o conceito que faziamos da familia do pastor evangelico e nosso vizinho era o mesmo e, assim, podiamos estar bem à vontade, levando cada um suas preces ao pé de Deus, através de dois templos distintos e dois credos paralelos. Nisso repeti, aliás, expressões do eminentissimo 1º Bispo de Campinas, d. João Nery, a outro pastor evangelico e nosso amigo comum, Erasmo Braga que esteve em visita ao Palacio do Bispo varias vezes: "Os caminhos para nosso Senhor são largos - e é bem possivel que num deles nos encontremos..."

Recordo essas figuras e fatos do passado, como contribuição às festas de uma semana inteira aqui realizadas para comemorar o jubileu professoral de Flaminio Favero. E estou certo de que ele estimará esta contribuição, pelo que encerram de intimo e de afetivo, e como estimulo para que continui, "na sua Igreja, no seu Instituto e na sua Casa" a missão de educador exemplar com que tanto se recomenda ao respeito da sociedade paulistana.

Correio Paulistano 12-XII - 1948